

## Heidegger e o desvelamento do Ser através da obra de arte

Heidegger and the unveiling of Being through the work of art

Marcos Sávio Santos Aguiar  
(UFS – DFL)

### RESUMO

Heidegger percebe que a metafísica, enquanto projeto de elucidação do sentido do Ser, em vez de esclarecê-lo, limita-se a revelar o ente, mostrando assim, que o entendimento não consegue ser o fio condutor de uma reflexão mais profunda. Heidegger, então, abandona a metafísica e vai buscar na arte a revelação do Ser. Precisamos ir até à essência da arte para encontrar o Ser. Mas, a essência da arte esconde-se na obra de arte. Então perguntemos: o que é uma obra de arte? O problema é que uma obra de arte só pode ser compreendida se tivermos compreendido de antemão a essência da arte. Esta investigação é inspirada na obra de Heidegger *Caminhos de Floresta*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Heidegger, Ser, desvelar, metafísica, arte.

### ABSTRACT

Heidegger realizes that metaphysics, as a project to elucidate the meaning of Being, rather than clarify it, merely reveal the ente, thus showing that the understanding can not be the guiding principle. Heidegger then abandons metaphysics (philosophy) and will seek in art the revelation of Being. We must go to the essence of art to find the “Being”. But the essence of art is hidden in the artwork. So what is a work of art? The problem is that a work of art can only be understood if we understood beforehand the essence of art. This research is inspired by the work of Heidegger *Paths Forest*

**KEY WORDS:** Heidegger, Being, unveiling, metaphysics, art.

### Introdução

O pensamento de Heidegger surgiu em meio a uma geração sacudida pela Primeira Guerra Mundial e que questiona seus valores tradicionais. Ora, o pensamento de Heidegger é um pensamento filosófico; então, ela se ocupa dos problemas fundamentais da metafísica. Para Heidegger, questionar os valores tradicionais é questionar a maneira como a metafísica tradicional coloca os problemas, e a maneira

como ela os resolve. Mas, em que consiste a metafísica tradicional? Qual o questionamento que Heidegger faz a ela?

### **O questionamento da metafísica tradicional**

Para Heidegger, a metafísica tradicional é a metafísica clássica. Nesta última, algo permanecia fora de todo o questionamento, isto é, algo permanecia velado, ou fora do movimento problematizador. É como se, na metafísica clássica, existe uma realidade que escapa à total autotransparência, e que permanece oculta à reflexão, portanto, há algo que ocultamos de nós mesmos. Para Heidegger, este algo da metafísica clássica que ocultamos de nós mesmos é o “Ser” em questão. Pois, para ele, a ontologia clássica, ao se perguntar sobre o “Ser”, ela se pergunta sobre a realidade primeira, isto é, a realidade de que eu posso ter certeza. E, para interpretar a realidade primeira, os gregos desenvolveram um dogma para interpretar o “Ser”. Mas, os gregos dizem que o “Ser” é o mais universal e vazio dos conceitos. Como tal, resiste a toda tentativa de definição. A saída, para os gregos, é que o “Ser”, cada um o entende imediatamente o que se quer dizer com ele. De tal sorte que aquilo que os antigos filósofos consideraram como algo obscuro e inquietante se tornou uma evidência por si tão clara como o sol. Este “Ser” não questionado ou velado tornou-se duradouro dentro da história da filosofia. Até Heidegger, entendia-se que o significado da palavra “ser” era evidente, embora indefinível. Heidegger, desejoso de compreender os significados, diz que se é difícil responder o que significa o ser, é porque esse significado não está claro. Isto é, aquilo que nos é mais próximo é ao mesmo tempo aquilo que é mais obscuro.

O pensamento de Heidegger se volta ao fundamento da metafísica tradicional e medita sobre aquilo que permanece velado. Ele instaura, ali, um movimento problematizador. Com esse movimento, Heidegger ultrapassa a metafísica clássica. Ele empreende a tarefa de perscrutar o pensamento, tal como ele existe até agora, para decifrar nele o que contém de impensado a fim de descobrir a verdade do “Ser”. Heidegger faz um percurso histórico para entender como seus antepassados velaram a questão do “Ser”, mas, principalmente, para abrir um caminho no qual o ser se torna transparente, se desvela, tornando-se cognoscível. Heidegger pretende recolocar os problemas fundamentais da filosofia em função da história do “Ser”. Nesse percurso, ocorrerá uma transformação de nosso estado de espírito, e que esse caminho carregue em si o nosso destino. Para Heidegger, esse caminho do filosofar deve atingir nossa responsabilidade, deve visar a nós homens, e nos toque em todo o ente que é no Ser. É

importante observar que, para Heidegger, não se trata de conseguir uma concepção acabada, ou procurar soluções, e sim, realizar uma constante interrogação sobre o “Ser”, de entender a voz do ser, de encontrar morada nele ou comportar-se conforme ele nos guie. Nessa ação de nos guiar, o “Ser” também carrega o nosso destino.

### **A guinada fenomenológica de Heidegger**

Heidegger foi levado para o caminho de reflexão sobre o Ser, iluminado pela atitude fenomenológica. A fenomenologia é a arte de desvelar aquilo que ocultamos de nós mesmos. A fenomenologia consiste em se inserir nessa realidade oculta, que escapa à total autotransparência, e nela manifestar o que se oculta da reflexão. Vale ressaltar que a questão sobre o Ser está oculta, isto é, falta uma resposta. Talvez, o próprio reelaborar da questão sobre o Ser, faça com que o Ser apareça. E, reelaborar questões é entrar nos domínios do método, isto é, questionar o método fenomenológico. É isso que Heidegger se propõe. Nessa orientação da fenomenologia, que é ontologia, uma vez que o que se busca é o Ser, a questão que Heidegger coloca é: quais são os elementos do método de explicitação ou revelação que deverá levar-nos um dia até o Ser? Trata-se de compreender as estruturas fundamentais do Ser, que são as condições de possibilidade do nosso mundo empírico. É essa compreensão que representa a realização máxima e radical da fenomenologia. A fenomenologia significa então, fazer ver a partir de si mesmo aquilo que se manifesta efetivamente. É esse o sentido formal que se dá ao nome de fenomenologia: não outra coisa que a máxima: voltar às próprias coisas. Pois, o Ser é aquilo que se oculta naquilo que se manifesta. A fenomenologia é, então, a procura do significado do Ser. E isso significa ontologia ou fenomenologia ontológica. Se a fenomenologia de Husserl é a procura do fundamento primeiro de todo acontecimento, e se ele leva essa procura num sentido transcendental, então, essa filosofia exige uma teoria geral do Ser, isto é, uma Ontologia, pois, através do seu método puro e intuitivo, a fenomenologia analisa a generalidade das essências. A fenomenologia, então, é animada por uma preocupação ontológica, e ela fundamenta uma metafísica nova. Mas, Heidegger dá uma guinada à fenomenologia. A novidade de Heidegger, em relação a seu mestre Husserl, é tentar resolver o problema do fundamento sem recorrer à consciência, mesmo transcendental, o que seria idealista demais, pois Heidegger recusa partir de intuições, mas parte da compreensão da vida concreta. Em outras palavras, com Heidegger entramos na facticidade da vida na sua realidade e no complexo dos

significados do mundo, ao invés de ficar com a consciência pura, do Eu transcendental de Husserl. Portanto, a partir de Heidegger, a História torna-se o fio condutor das pesquisas fenomenológicas no caminho que vai da vida na sua facticidade, à vida na sua historicidade. Filosofar fenomenologicamente passa a significar acompanhar a vida, o que para Husserl será cair no antropomorfismo transcendental.

### **O abandono da fenomenologia**

Enquanto fenomenólogo, Heidegger tentava desocultar o Ser a partir do Ser-aí. Mas, afinal, a relação entre o Ser-aí e o Ser se inverte e assume o seu significado definitivo. Em vez do Ser-aí revelar o Ser, é o Ser que se abre e se revela ele próprio. Mas, essa relação invertida resulta de elementos bem diferentes, e leva a um abandono do próprio método fenomenológico. A conversão do ente para o Ser coloca entre parênteses o mundo dos entes, isto é, daqui em diante a chave da relação Ser-homem não é mais a interrogação humana. Em outras palavras, Heidegger abandona totalmente a linguagem existencial, e mesmo antropológica, que ele tentava colocar em Ser e Tempo. Em vez disso, ele procura alcançar o Ser num ângulo mais explícito, isto é, ele parte de cima. Em outras palavras, o Ser, tido como uma potência obscura e escondida, concorda em manifestar-se ao homem como uma espécie de graça. A pesquisa fenomenológica pára de repente. Não há mais método. Pois se o ser vem ao homem, então, o homem não tem mais porque se colocar a caminho ou de se abrir um caminho. A partir de agora, a preocupação de Heidegger com o Ser passa para a linguagem, isto é, a linguagem é o novo centro da relação Ser-homem. Mais precisamente, aquele que fala não é mais o homem, mas é o Ser que lança uma voz no deserto para auscultar o eco que lhe enviará a sua própria palavra solitária. A linguagem não é algo que o homem possui entre outros instrumentos, senão aquilo que possui o homem. Mesmo antes de o homem falar ou pensar, a Ser fala ao homem, fazendo revelar os significados implícitos, buscando a linguagem humana em sua fonte original. Em outras palavras, Essa palavra falada, essa linguagem ontológica não é mais portadora de significados humanos. Ela é uma espécie de linguagem sagrada no silêncio de todas as palavras humanas. Portanto, o filósofo deve calar-se, pois é o poeta e o “pensador” que o substituirão. Eles não terão a palavra, mas, a palavra os terá. O poeta, confidente do Ser, tendo aprendido a existir naquilo que não tem nome, pode nomear o sagrado. Quanto ao pensador, este pode dizer o Ser, pois, os primeiros pré-socráticos diziam o Ser como se recita, numa atitude religiosa, uma fórmula sagrada. As palavras não têm mais palavras. Elas estouram para

manifestar a presença do Ser. Depositários de uma mensagem ontológica, e sobre-humana, elas se vestem de um silêncio essencial. O próprio Heidegger as pronuncia num temor sagrado, como os oráculos que meditam no recolhimento. Nesse caso de Heidegger, é a própria fenomenologia que é superada.

### **A superação da Metafísica**

Mas, a fenomenologia é superada não para se tornar Metafísica. Pois, a Metafísica, depois de Platão, enquanto se representa o ente enquanto ente, ela esqueceu o Ser, e não pensa o Ser. Daí porque a Filosofia não consegue se recolher sob o fundamento do Ser. Em outras palavras, a filosofia abandona o Ser pela Metafísica. Pois, remontando até o fundamento da Metafísica, o pensamento racional e lógico é como um peixe fora da água. Portanto, estamos na hora de emergir o pensamento no Ser, pois o Ser é o elemento natural do pensamento. Logo, o pensamento que virá não será mais filosófico, pois ele pensa de maneira mais original que a Metafísica. A palavra de Heidegger é menos Filosofia e mais respeito pelo pensamento. Desde então, se queremos nomear, dizer, ou pensar esse fundamento radical que é o Ser, sem nome, não há outro recurso a não ser o símbolo poético ou religioso. Essa transmetafísica se exprime por imagens, como único meio de expressão. O homem não mais constrói o Ser por seu pensamento, pois não se trata mais de uma consciência constituinte. Segundo Heidegger, não é mais o homem que pensa o Ser, mais é o pensamento do Ser que se revela ao homem. Em outras palavras, não é mais os conteúdos intencionais da consciência que revelam, mas, a iluminação ou a revelação pura e simples. O escondido ou o dissimulado que se trata de revelar não é mais o implícito ou o latente, mas o misterioso, o sagrado.

### **A arte como forma de o Ser se revelar**

Segundo Heidegger, arte não é primeiramente beleza nem criação, e sim, a revelação do Ser. A grandeza da arte não consiste na qualidade da obra criada, e sim, em ser caminho e morada do homem em sua procura da verdade. Só quando a arte se descobre o incondicionado e absoluto é que a arte chega à plenitude. As obras de arte só podem ser grandes se se fundamentarem nessa grandeza primordial. A essência da arte consiste exatamente em exprimir a relação imediata com o absoluto, implantar o absoluto como tal dentro do homem histórico. A essência da arte esconde-se na obra de

arte. Portanto, o caminho mais fácil para se chegar a compreender a essência da arte parece ser a análise da obra de arte. O que é uma obra de arte? Essa pergunta nos instiga a buscar onde está a origem de uma obra de arte. Então perguntemos: Qual a origem de uma obra de arte?

### **A origem da obra de arte**

Segundo Heidegger, na sua obra Caminhos de Floresta, origem significa aquilo a partir do qual algo é aquilo que é. E origem, nesses termos, significa essência. Em outras palavras, perguntar pela origem de algo é o mesmo que perguntar de onde provem sua essência. Então, voltando à pergunta pela origem da obra de arte, que é o mesmo que perguntar de onde provém sua essência, Heidegger recorre à concepção habitual que diz que a origem da obra está na atividade do artista. Mas, a pergunta agora se volta para o artista: qual a origem do artista? Isto é, o artista é o que é a partir de que? A resposta é que a partir da obra o artista é o que é. Pois, só a obra é que permite ao artista surgir como um mestre da arte. Portanto, este raciocínio nos leva à seguinte redundância: “o artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista”. Essa redundância não oferece saída; pois, apesar de nenhum ser sem o outro, nenhum dos dois consegue comportar o outro. Logo, deve haver um terceiro termo que comporte, no seu âmago, os dois anteriores. Segundo Heidegger, esse termo englobante é a “arte”, pois, só a partir da arte e mediante a arte é que o artista e a obra de arte adquirem seus respectivos nomes. Nesses termos, a arte é a origem para o artista e ao mesmo tempo para a obra. Mas, a pergunta agora se volta para a compreensão da “arte”. Em outras palavras, “o que é a arte?”. Heidegger se pergunta se a “arte” não é mais do que uma palavra vazia, isto é, se ela não é mais do que uma palavra à qual não corresponde nada de efetivamente real. A palavra arte pode ser apenas uma representação coletiva, sobre a qual pomos a obra e o artista. E se a palavra arte significasse mais do que uma representação coletiva, então, a palavra arte só poderia ser com base na realidade efetiva de obras e artistas. Nesse sentido, obras e artistas estão na origem da palavra arte. Ou será ao contrário, isto é, só se dá obra e artista caso haja arte? Em qualquer dos dois casos, a nossa pergunta inicial pela origem da obra de arte passa a ser a pergunta pela essência da arte. Então está em aberto a pergunta: “o que é a arte?”. Até esse momento só sabemos que a arte está na obra de arte, pois, aquilo que a arte é, deve depreender-se a partir da obra. Mas, também, aquilo que a obra é, ela só é a partir da essência da arte. Como vemos, ainda não saímos da redundância. Mas, Heidegger se pergunta como

podemos ter a certeza de que a observação das obras de arte é a base para a arte, se não sabemos o que é a arte? Ora, se não se pode alcançar a essência da arte a partir das obras de arte, também não se poderá sê-lo a partir de conceitos mais elevados, pois, se assim fosse, não precisaríamos das obras de arte para obtermos a essência da arte. Mas, Heidegger nos diz que seja a partir das obras, como a partir dos princípios, seria impossível se chegar à essência da arte. Heidegger sugere que percorramos este curso circular, isto é, das obras de arte aos princípios da arte, e inversamente, dos princípios às obras, pois, trilhar esse caminho é a festa do pensar. Mas, o que permanece é que vamos ter que incorporar a obra real, se quisermos encontrar a essência da arte. É certo que, uma obra de arte é antes de tudo uma coisa; pois há algo de pedra numa escultura, como há algo de colorido na pintura, ou algo de vocal na obra linguística, ou algo de sonoro na obra musical. Isto é, o caráter de coisa está inamovível na obra de arte. Mas, a obra de arte, ultrapassando o seu caráter de coisa, ela é ainda algo de outro; pois se ela revela algo de outro, ela é alegoria. Mas também na obra de arte, há ainda algo de outro que se põe em conjunto. E o ato de por em conjunto, faz da obra de arte um símbolo. A alegoria e o símbolo constituem o enquadramento conceitual na qual, a obra de arte se move. Portanto, há um algo na obra de arte que revela algo de outro. Este algo que revela algo de outro é o caráter de coisa, ou substrato, das obras de arte, que serve de alicerce sobre o qual este algo de outro é constituído. E este algo de outro, da obra de arte, é aquilo, justamente, que o artista faz propriamente.

## **Conclusão**

Até agora, a arte tinha sempre a ver com o belo e com a beleza, e não com a verdade do ente. A beleza está reservada à estética, mas, a verdade, pelo contrário, pertence à lógica. Na obra, o que está em jogo é a restituição da essência universal das coisas. Mas como é que é esta essência universal? Onde é que ela está? Precisamos da essência universal para que as obras de arte concordem com ela. Em uma obra de arte a verdade é posta em obra. Mas, qual verdade acontece na obra? A Procura pela realidade efetiva da obra de arte não nos leva a encontrar a arte que nela vigora. Há um engano se pensamos encontrar a realidade efetiva da obra partindo de um suporte ao modo da coisa. O suporte ao modo da coisa mostra-se de forma imediata o que há de efetivamente real na obra. Mas para se apreender aquilo que aqui é ao modo da coisa, os conceitos tradicionais de coisa são insuficientes; pois eles mesmos não dizem a essência

da coisa. O que é importante aqui ressaltar é que é fundamental uma primeira abertura do olhar para o fato de que só nos aproximamos do caráter de obra da obra, se pensarmos o ser do ente. A obra de arte torna patente o ser do ente. Só ela é que descobre a verdade do ente. E a arte é o pôr-se-em-obra da verdade. Mas, o que é a verdade ela mesma, para que aconteça como arte? O que é este pôr-se-em-obra? Quanto a esta questão, Heidegger dedica uma seção inteira, na sua obra Caminhos de Floresta, intitulada “A obra e a verdade”. Mas, devido à complexidade deste tema, deixaremos para abordá-lo em uma outra oportunidade.

#### Referências bibliográficas:

Thomas Ranson Gilles, *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1967.

Martin Heidegger, *Caminhos de Floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

*Publicado no dia 26/02/2014*

*Recebido no dia 15/02/2014*

*Aprovado no dia 20/02/2014*